53.

REGRAS PARA A EDUCAÇÃO, CONDUTA E APER-FEIÇOAMENTO DOS SERES (I)



1. INTRODUÇÃO

Ao ser iniciado o terceiro ano da Escola de Aprendizes do Evangelho, já atingido o grau de servidor, o aluno é finalmente preparado para o terceiro e último estágio dessa Escola, quando, então, ingressará na Fraternidade dos Discípulos de Jesus, alcançando o grau de discípulo.

Nas aulas seguintes, dentro do Programa Oficial apresentado pela Aliança Espírita Evangélica, depois do amplo conhecimento já adquirido nas aulas anteriores e das experiências vividas no trabalho de reforma íntima, procura-se agora dar ao aluno um conjunto de regras que venham mais objetivamente auxiliá-lo na caminhada ascendente que já iniciou no momento em que inscreveu-se nessa Escola, até o estágio presente.

Essas regras constituem um repositório obtido de experiências realizadas, com resultados positivos, que são colocadas à disposição do aluno, para maior aproveitamento e economia de tempo, na conduta das práticas que a Escola de Aprendizes do Evangelho procura transmitir.

Quaisquer que sejam as experiências individuais, palmilhadas no campo da vida interior, os caminhos a serem percorridos são sempre os mesmos, embora em diferentes circunstâncias, peculiares a cada criatura.

Os obstáculos encontrados são igualmente comuns aos seres humanos na espiral ascendente da nossa evolução, apesar de revestirem-se diferentemente em suas intensidades e formas.

O mundo interior que se movimenta nos continentes e oceanos de nosso Espírito, pode variar nos seus aspectos diferenciais, porém os sentimentos que emergem são igualmente comuns a todas as criaturas oriundas de uma mesma Fonte.

Ilusório é imaginar que não encontramos entre os que nos cercam, aqueles a nós identificados pelas mesmas dores e mesmas angústias. Em determinadas épocas da nossa caminhada incomensurável, vivemos sempre os sofrimentos renovadores, comuns às almas alentadas pelo mesmo Hausto Divino.

O aperfeicoamento dos seres que na sua origem, como expressões de luz, habitando os princípios elementares do Espírito, à semelhança de uma nuvem luminosa pigmentada, progressivamente jungidos ao mundo das formas, vem caminhando nos diferentes reinos da natureza. As conquistas de inteligência e sentimento, em individualidades cocriadoras, se perdem na noite dos tempos em que fomos cintilados pela Criação. Incomensurável é a estrada que até agora já percorremos e, dependendo do ramal seguro que escolhemos: - aquele iluminado pelas verdades do Meigo Rabi, com a determinação dos nossos próprios passos, uma outra extensão evolutiva começamos a percorrer, agora no sentido de retornarmos ao Criador. porém, infinitamente enriquecidos e divinamente dotados quando lá chegarmos.

2. EDUCAÇÃO

É, fora de dúvida, o maior problema da atualidade no mundo conturbado em que vivemos, o da educação, quer da infância, da juventude ou dos adultos de todas as idades.

As atenções se voltam para o estudo dos comportamentos dos seres humanos nos ambientes do lar, da escola, do trabalho, na sociedade de um modo geral.

Estudam-se os sintomas externos dos males verificados, descuidando-se das origens internas desencadeadoras; atingem-se os efeitos mas não as causas.

Essencialmente podemos considerar a educação como dividida, para efeito didático, em dois tipos: leiga e religiosa.

A educação leiga, ou cívica, ministrada nos estabelecimentos públicos (escolas, instituições civis e militares), aonde procuram-se transmitir os conhecimentos necessários e básicos que venham proporcionar a formação cívica e profissional do educando, dentro de uma sociedade regida por leis e costumes peculiares ao país. A educação leiga ou cívica é assim um processo de instrução que visa o mundo dos objetos que circundam o educando e nada se relaciona com o mundo interior dele.

A educação religiosa, essa reinante nos institutos educacionais, orientada pelas religiões tradicionais e dogmáticas, baseia-se nos conceitos de céu e inferno, sem resultados concretos e deficiente na sua influência, na conduta moral dos homens, face os dados observados nas estatísticas de criminalidade, mesmo entre os países que as adotam oficialmente.

A educação tem um objetivo mais profundo, como seja o de plasmar o caráter da criatura, tornando-a melhor como ser humano, criando valores espirituais, eternos, dentro dele mesmo.

A instrução é científica e desenvolve a inteligência do homem. A educação é sábia e molda a alma do homem.

A educação do futuro terá que visar o interior do próprio homem como objetivo primeiro. E aqui repetimos as palavras de Huberto Rohden no seu livro *Novos Rumos para a Educação*, cap. 5 – Bases para uma nova educação:

"É a dignidade, o valor intrínseco do próprio homem; o homem deve, livre e espontaneamente, evitar o mal e praticar o bem, não por causa de um punidor fora dele — humano ou divino, mas para não ofender a sua própria pureza e santidade, para não profanar a sua nobreza e sacralidade, para não desvalorizar o seu grande e imenso valor humano".

Compartilhamos com as palavras do inesquecível Pedro de Camargo (Vinícius) Vol XVIII da *Iniciação Espírita*, editada pela FEESP, 2ª parte, Cap. IV – Educação, pág. 117, que nos diz:

"Em suma, a educação é uma força ativa inerente à vida e dela inseparável. No curso de seu desenvolvimento se individualiza, tornando-se auto-educação, no cumprimento do imperativo evangélico: "Sede perfeitos como perfeito é o vosso pai Celestial."

É o que busca realizar a Escola de Aprendizes do Evangelho: dar aos alunos a formação moral, dentro do Evangelho, preparando-os para os dias do porvir, solidamente equipados com as virtudes exemplificadas no serviço cristão, na sua expressão mais genuína.

3. AUTO-EDUCAÇÃO

O processo para a formação moral, com bases no Evangelho, de caráter mais objetivo, é certamente aquele que atinge o íntimo da criatura, estimulando toda a sua dinâmica na direção da transformação do seu ser. É todo um conjunto de esforços que nos conduz ao progressivo trabalho da auto-educação de nós mesmos.

A vontade é utilizada como alavanca poderosa que nos impulsiona ao progresso espiritual. É onda eletromagnética sutil nos campos de ação da mente, a desencadear energias transformadoras de intensidades tanto maiores quanto melhores forem os esforços e a persistência que mantemos em nós mesmos.

Quando dirigimos a nossa vontade no sentido da auto-educação,



dentro do Evangelho, começamos a nos identificar e a entrar em sintonia com as forças transformadoras que mais intensamente vibram no sentido evolutivo e regenerador da Criação. Nada é mais objetivo e valoroso na obra da criação, dentro desse aspecto evolutivo, do que a harmonização e identificação da criatura com o Criador.

"Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vai ao Pai senão por Mim". disse-nos Jesus.

Esse é o trabalho a ser realizado por todos nós e nada em nossa existência é realmente mais importante do que isso. Todo e qualquer sacrifício que venhamos a fazer nesse sentido é altamente construtivo na transformação lenta e progressiva que o nosso Espírito ainda vacilante vem realizando, de forma desordenada, desde o despertar da nossa cons-ciência no reino hominal.

A auto-educação, abraçada conscientemente, compreendida como necessidade prioritária em nossa existência, alicerçada na Boa-Nova do Dirigente Espiritual do nosso planeta é, indubitavelmente, o primeiro e o mais importante programa a ser seguido, com todas as forças do

nosso Espírito, no decurso de toda a existência.

4. REQUISITOS PARA A AUTO-EDUCAÇÃO

O trabalho de auto-educação é realizado no nosso mundo interior, atingindo desde a esfera periférica do nosso consciente, às profundezas do nosso inconsciente.

A realização desse objetivo não é tarefa fácil e de resultados imediatos; é antes de tudo um empreendimento alimentado com constante e profundo **amor**: — amor à causa do nosso Divino Mestre.

Pensar em auto-educação como um trabalho de preparação lenta e progressiva para o serviço do Cristo, a quem desejamos cada vez melhor servir, é o nosso ideal primeiro; é a motivação central do nosso esforço renovador.

Todo o trabalho que se procura realizar com o coração, dando de nós mesmos, em razão de um ideal sublime, é destituído de interesses particulares e, portanto, com total desapego e desprendimento, ausência dos desejos de conquista imediatistas de poderes psíquicos, de destaque próprio nas virtudes adquiridas; é um trabalho desinteressado, realizado com humildade e abnegação.

Nessa atmosfera em que, a essa altura do curso da Escola de Aprendizes do Evangelho, todos já tivemos as nossas experiências, sabemos da necessidade e do valor da **paciência** nesse trabalho de remodelação que estamos empenhados em realizar no nosso ser. E a paciência se reflete serenamente, com a sua atuação tranquilizante nos momentos de exaltação que muitas vezes nos levam ao desânimo na luta com as nossas dificuldades.

A paciência é fruto do amor que, em nós, procuramos alimentar em tudo o que pretendemos realizar por dedicação ao Meigo Rabi da Galiléia.

O amor, ao vibrar em nós, emite as forças mais sutis do nosso espírito, que vão movimentar no nosso corpo mental as energias correspondentes impulsionadoras da **vontade**. A vontade comanda a nossa ação no trabalho de auto-educar-se nos campos dos pensamentos, das palavras e dos atos.

Esses três terrenos: pensamentos, palavras e atos são constante e simultaneamente revolvidos pela nossa ação transformadora, à semelhança de um arado que sulca a terra com as suas afiadas lâminas, na renovação das camadas do terreno em preparação ao plantio e futuras colheitas.

A força que a nossa decisão imprime à vontade no trabalho reconstrutor de nós mesmos, é a ferramenta que ajudará enormemente nessa monumental obra edificadora. A coragem em enfrentarmos os obstáculos que naturalmente se apresentam, será tanto maior quanto mais intensa for a nossa força impulsionadora da vontade.

Como resultante, ainda, da nossa paciência e na nossa força de vonta-

de, é a **perseverança** que assegura a continuidade e, portanto, o sucesso do nosso trabalho.

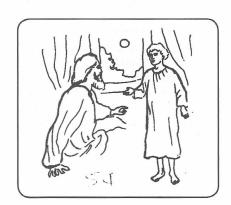
Os resultados poderão ser obtidos com maior ou menor eficiência, dependendo dos métodos e da disciplina que imprimirmos no encaminhamento da atividade interior.

Desse modo, são estes os principais requisitos para a auto-educação:

AMOR
DESPRENDIMENTO
HUMILDADE
PACIÊNCIA
VONTADE
DECISÃO
CORAGEM
PERSEVERANÇA
DISCIPLINA

54.

REGRAS PARA A EDUCAÇÃO, CONDUTA E APERFEIÇOAMENTO DOS SERES (II)



1. AMOR

Esse o primeiro e o mais importante de todos os requisitos para o trabalho de auto-educação. O que realizamos com amor, com a participação do nosso coração, alcança mais alto, numa direção ascendente.

Todo o nosso trabalho tem uma meta grandiosa: — O serviço do Nosso Divino Mestre. E quando nos oferecemos a Ele, tudo fazemos por Ele, incluindo a nossa melhoria interior. A Ele nos dedicamos com profundo amor, pelo muito que a Ele amamos.

Quando atingimos esse estágio de sentimento, tudo se torna mais leve e suave ("O meu fardo é leve e o meu jugo suave", nos afirmou o Mestre).

Aí encontramos forças para perdoar as ofensas, tolerar os que não O compreende, amar aos que sofrem e passamos a viver a felicidade plena, pois embebidos nos achamos no Seu imenso amor.

Vamos então dedicar o melhor do nosso esforço na nossa autoeducação, como parte do processo de capacitação crescente à tarefa do Meigo Rabi, a qual abraçamos e já nos definimos como servidores.

2. **DESPRENDIMENTO**

Nessa atmosfera de profundo amor à Causa vamos, natural e progressivamente, sentindo que os valores espirituais são aqueles que primeiramente nos preocupam conquistar. E nessa nova ordem de valores que vamos colocando em tudo que envolve as nossas atividades comuns da vida, começamos a não ser compreendidos no desapego às coisas materiais.

Ressaltamos que desapego não deve ser entendido como abandono das nossas atividades profissionais, do trabalho material que nos dá o sustento.

Os bens materiais que nos foram confiados devem ser administrados com justiça e amor, porém dentro da compreensão de que esses bens materiais se constituem em veículos para o nosso aprendizado e evolução.

Eles nos são confiados dentro do plano físico; no entanto, não nos pertencem na extensão infinita de eternidade do nosso Espírito e, portanto, apego àquilo que por si não constitui um fim, mas um meio pelo qual evoluímos, é completamente destituído de razão; não podemos deitar sobre as moedas e amontoá-las para o deleite próprio, isso seria apego.

O apego não se refere unicamente ao dinheiro, mas às coisas de ordem material em geral; os objetos, utensílios, móveis, joias, propriedades, vestes, pertences. Podemos e devemos tudo possuir e usar com moderação dentro do sentido de necessidade objetiva da sua utilização, porém sem nos envolver no sentimento egoísta de posse que nos faz sofrer e lamentar a falta ou a perda daquele objeto desaparecido.

O desprendimento alcança degraus ainda mais elevados àqueles do desapego material. Quando vamos sentindo, à proporção que nos identificamos com a tarefa do Mestre Jesus, que já não nos pertencemos, que os nossos desejos e vontade na esfera material são todos secundários, que nos sacrificamos alegremente no serviço do Senhor, nisso encontramos a profunda felicidade de a Ele servir.

Nesse estágio atingiremos o completo desprendimento de nós mesmos, e a nossa caminhada será livre e desembaraçada dos grilhões do egoísmo condicionador do nosso Espírito.

3. HUMILDADE

Na nossa estrada evolutiva, à proporção que os passos nela vão sendo dados naturalmente, começamos a refletir os resultados alcançados no meio a que pertencemos, na família, no emprego, na sociedade e nos planos sutis do Espírito.

Surgem inevitavelmente as reações contrárias desses que nos cercam. Ora, os nossos próprios familiares reagem às novas disposições que tomamos, nos envolvendo com comentários de que a nossa saúde física e mental deve ter-se alterado. que devemos ir a um médico. No emprego, os colegas de trabalho, sorrateiramente, aos cochichos comentam entre eles que devemos estar sofrendo um processo de loucura. Nos grupos que participamos na sociedade profana, também não somos normalmente compreendidos. Aqueles amigos espirituais que nos cercam, no convívio das nossas inferioridades comecam a se contrariar e a investir para não abandonarmos os prazeres que usufruímos em simbiose.

Os testes nos são feitos e vão atingir precisamente aquelas falhas mais evidentes em nós.



Sofreremos agressões, humilhações, incompreensões, intolerâncias. Essas serão as oportunidades em que daremos as provas do nosso amor à causa do Mestre, e quando, a todas essas investidas reagimos com com-preensão, com tolerância, com pacificação, com respeito, mesmo que sangre de dor o nosso coração, estaremos, sim, praticando a humildade.

É lícito esclarecer que a nossa reação de humildade se reveste de emanação de energias transformadoras, que contribuem para a modificação daqueles que nos agridem. Mesmo no silêncio da nossa reação pacifista. emitimos ondas sutis indutoras dos sentimentos de fraternidade. As palavras esclarecedoras, naqueles momentos de diálogo forte, só construirão realmente se emitidas com amor e firmeza, fora da sintonia das ondas violentas a nós dirigidas pelos que nos ofendem. A nossa reação com palavras agressivas nos enfraquecem as forças cons-trutoras no bem e nos fazem descer às faixas inferiores de ódio e rancor. Esforcos maiores serão necessários, de nossa parte, para sairmos daquele estado inferior em que impregnações fluídicas grosseiras se localizam no nosso perispírito.

Lembremos o episódio do julgamento do Humilde Carpinteiro que, pacificamente, suportou as calúnias, as ofensas, as agressões daqueles que Lhe condenavam. É o quadro mental que podemos buscar nesses momentos em que sofremos as humilhações, para a nossa sustentação.

4. PACIÊNCIA

Na eternidade do nosso Espírito a evolução não dá saltos. As conquistas do Espírito fazem-se lentamente. As modelações e as remodelações do nosso Espírito se realizam, se cons-tróem, em dimensões dos Espaços Espirituais em que o tempo físico, dentro das restrições do plano material, não atinge.

Estamos habituados a correrias contra o passar do tempo, nas nossas realizações materiais. Vivemos em angústia pela falta de tempo. Essas impressões aflitivas peculiares aos trabalhos no campo material não podem ser transferidas para a atmosfera sutil do nosso eu interior, no campo das conquistas espirituais. A paciência é o reflexo da serenidade que em tudo deve o nosso Espírito estar envolvido.

Não devemos confundir paciência com descaso, abandono da nossa participação ativa no trabalho de autoeducação. O descaso é negligência, é desperdício de oportunidade. A paciência é resultante da serenidade vigilante, ativa, presente em todas as nossas oportunidades de aprendizado. A paciência é, antes de tudo, a manifestação da nossa perseverança.

Não podemos ter pressa para atingir os cumes da evolução, mas não podemos desperdiçar as oportunidades de conquistas, trabalhando ativa e persistentemente para isso. O trabalho é de nossa obrigação; a apuração do seu resultado compete a Deus.

5. VONTADE

A grande força impulsionadora das nossas ações é a vontade. O querer, quando sintonizado com os desígnios estabelecidos pelo Plano Espiritual, na esfera das realizações, é sustentação nas tarefas redentoras.

Importante para o servidor do Mestre, saber definir a cada passo como e onde se coloca a sua vontade. A nossa vontade emerge, desponta do interior do nosso Espírito, refletindo a soma dos sentimentos sensíveis que progressivamente se intensificam em nós.

Saibamos buscar dentro de nós mesmos a manifestação sutil da nossa vontade e a transportemos para a área das ações positivas.

A vontade é força criadora, movimentadora, é o alicerce sobre o qual se constrói o mundo.

Devemos aprender a nos identificar com a Vontade Única da Criação, que a tudo preside.

A vontade, no constante trabalho de auto-educação, é ferramenta indispensável ao servidor. Quanto mais intensa for a nossa vontade, maior será o impulso que imprimiremos à nossa caminhada edificante.

6. DECISÃO

No momento em que a nossa vontade se define diante das situações que se colocam na nossa existência, aí tomamos decisões.

Essas decisões são sempre importantes na nossa peregrinação terrena. Quando encontramos em nós aquilo que pulsa no nosso Espírito e escolhemos o caminho a trilhar, a atitude a tomar, fazemos agir o nosso livre-arbítrio, atributo da mais alta importância do nosso Espírito.

As nossas decisões, reflexos do nosso livre-arbítrio, são sempre respeitadas pelos Planos Espirituais que sobre elas não interferem.

Saibamos, no entanto, com serenidade e profunda sabedoria, tomar as nossas decisões dentro da Vontade Divina, coerentes com as inspirações superiores dos Arautos do Senhor. Cabe aqui ressaltar os dias decisivos que vivemos neste orbe em transformação, em que todos assistem à sua passagem final e definitiva para a Era da Fraternidade, o coroamento do trabalho cíclico de implantação do Evangelho, e todas as decisões que tomamos dentro desse Programa Maior serão certamente sustentadas e coroadas de êxito espiritual.

7. CORAGEM

Sem dúvida precisamos de coragem para enfrentar as reações do nosso próprio ser, acomodado às convenções e aos tradicionalismos cristalizados que nos pressionam.

Todas as nossas decisões, certamente tomadas com muita conscientização daquilo que representa e das reações que provocarão no nosso meio ambiente, devem ser revestidas daquela coragem destemida, dispostos mesmo a sofrer as dores cruciantes, se necessário for, para as testemunhações cristãs em que foram exemplos edificantes os paladinos do Cristo, nas primeiras horas.

Nos nossos dias, a coragem na renúncia aos prazeres fáceis, ao desprendimento de nós mesmos, ao trabalho sacrificial na auto-educação, contínua a desafiar o nosso Espírito.

A coragem revolucionária de Paulo de Tarso na semeadura da Boa-Nova não tem precedentes no mundo; é o monumento gigantesco construído pela sua fé destemida.

Coragem nas decisões, coragem na luta pela vivência e pela implantação do Evangelho de Jesus.

8. PERSEVERANÇA

A continuidade na tarefa abraçada só será mantida com a nossa perseverança nas decisões tomadas. O trabalho de auto-educação com Jesus demanda persistência e paciência.

Perseverar é prova de abnegação, de firmeza de propósitos, de tenacidade de caráter.

Ao nos empenharmos na meta da nossa própria reformulação, na vivência dos sentimentos de confraternização, na extensão da nossa tolerância, na ampliação do nosso amor ao trabalho doutrinário, a perseverança reflete a nossa vigilância no ideal, nos mantendo atentos às decisões tomadas.

9. DISCIPLINA

Disciplinar as nossas atividades no bem é encontrar os meios mais objetivos e eficientes de nos desenvolvermos e evoluirmos. A disciplina no trabalho de Jesus nos faz conduzir o serviço cristão com segurança.

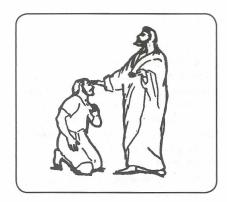
Disciplinar os nossos sentimentos, conduzindo-os nas linhas do amor, da tolerância, da humildade, exemplifica o elevado sentido que damos aos ensinamentos recebidos.

Cabe, a cada um de nós, fazer sempre o melhor dentro dessa Seara, exemplificar e transmitir a disciplina sem, no entanto, transgredir na intolerância.

O cumprimento dos horários é oportunidade valorosa de aprendizado na disciplina que educa.

Procurar disciplinar tudo que realizamos é discernir o caminho certo e objetivo que queremos seguir. 55.

REGRAS PARA A EDUCAÇÃO, CONDUTA E APERFEIÇOAMENTO DOS SERES (III)



1. INTRODUÇÃO

Nas duas primeiras aulas desse tema abordamos algumas considerações sobre a Educação, enveredando pela Auto-Educação no seu aspecto essencial: o evangélico, indicando depois os requisitos que exige, sempre buscando a identificação e o aprimoramento da criatura com o Mestre Jesus, caminho mais objetivo e eficaz de aperfeiçoamento dos seres humanos.

Quanto mais brevemente a humanidade identificar-se na vivência dos ensinamentos d'Aquele que é "O Caminho, a Verdade e a Vida", mais suavemente atingiremos o "Ciclo de Paz e Entendimento", que é a meta visada.

A seguir, vamos estudar alguns meios de aplicação, através de práticas individuais, nas quais podemos obter os resultados que aspiramos no nosso trabalho de auto-educação.

2. AUTO-ANÁLISE

Lembremos, como ponto de partida, as sábias palavras: "Conhece-te a ti mesmo e o resto te será dado por acréscimo".

Essas palavras são extremamente profundas, objetivas, e nos levam a um procedimento fundamental: "Conhecer-se a si mesmo".

Ao movimentarmos as nossas energia e o nosso interesse no trabalho de conhecer a nós mesmos, o mais profundamente possível, estamos conduzindo os nossos passos no caminho da redenção, da nossa libertação, das amarras milenares do egoísmo limitador.

E para conhecermos a nós mesmos, tomarmos consciência dos nossos impulsos e reações, os mais recônditos do nosso Espírito, procuraremos realizar uma profunda exploração nas camadas soterradas do nosso inconsciente. É o trabalho de análise do nosso mundo interior, realizado pela própria consciência, é o processo de auto-análise.

Estudamos com André Luiz em No Mundo Maior, cap. III, A casa Mental; Edifício de três pavimentos aonde o andar inferior representa o subconsciente (também denominado inconsciente) onde estão depositadas as experiências vividas no passado.

No andar intermediário está o consciente (não confundir o ser em si mesmo — ego — com suas manifestações no tempo), o presente das nossas vidas, e, finalmente, no andar superior, reside o superconsciente onde os nossos ideais e aspirações, que se projetam no futuro das nossas realizações, estão localizados.

O consciente pode penetrar tanto nas camadas do inconsciente como subir aos níveis do superconsciente.

A memória funciona à semelhança de um filme sensível, uma fita gravada ou um "tape" em televisão, onde todas as nossas experiências ficam arquivadas desde a mais tenra idade. Nessa película de longa metragem, que vai se superpondo, gravam-se as imagens, os sons e principalmente as emoções vividas, as impressões que o mundo exterior nos causam no nosso convívio familiar, na sociedade, com tudo que nos circunscreve e nos sensibiliza. Os momentos de alegria, de dor, de felicidade, de tristeza, os desejos satisfeitos, as frustrações, os impulsos recalcados, os ódios, as vinganças, os ciúmes, as manifestações de carinho recebidas na infância, a carência de afeto, a solidão do abandono na juventude, as incompreensões e os desgostos na adolescência, os sofrimentos, as humilhações, as repressões.

Todas as experiências da nossa existência ficam ali arquivadas e vivas, embora esquecidas na nossa consciência presente.

Isso a que acima nos referimos, relaciona-se dentro dos limites da atual existência. Reportando-nos às vidas pregressas, no nosso inconsciente mais profundo acham-se igualmente acumuladas as vivências de outras encarnações, os sucessos e os insucessos, as aquisições e as faltas, as quais, parcialmente esquecidas, refletem-se, no entanto, como reminiscências.

Essas reminiscências são latentes em nós, manifestando-se, na maioria das vezes, como tendências natas trazidas do berço.

Muitos sentimentos e impulsos desabrocham de nós, conduzindo os nossos passos por inclinações nem sempre compreendidas. São os programas que escolhemos e nos dispusemos realizar na atual existência quando conscientemente nos preparamos na Espiritualidade para a vida terrena. Essas metas a atingir localizam-se igualmente nos níveis do superconsciente, de onde os ideais superiores, a conduta, o senso de moral, se fazem refletir no nosso comportamento consciente.

Encarando os problemas psiquicamente, vemos que quanto mais remotas as nossas experiências, mais distante das nossas lembranças. O processo de auto-análise reside em explorar as raízes do inconsciente, trazendo à tona as lembranças daquelas experiências que desencadearam em nós os ódios, rancores, agressões, intolerâncias, vinganças, ciúmes e outros sentimentos que, na sua maioria, são originados na infância e na adolescência quando os nossos passos eram, via de regra, conduzidos pelos pais e deles recebíamos as influências.

Os mestres e professores, na escola que frequentamos, igualmente contribuíram nesse acervo de recordações, que permanecem latentes nas nossas manifestações. Os irmãos, parentes, colegas da escola e amigos também residem nas nossas lembranças, com as experiências de maior significado que nos deixaram gravadas as imagens e impressões mais vivas no nosso aprendizado.

Na auto-análise, o nosso esforço dirige-se para a observação do nosso comportamento, tanto o exterior como o interior. Imbuídos e interessados nesse trabalho de nos melhorar, assimilando e procurando viver na prática daqueles requisitos já estudados, vamos progressivamente anotando aqueles impulsos mais grosseiros que chegam a fugir do nosso controle. Muitas vezes não entendemos claramente porque reagimos com agressão, porque somos intolerantes, porque guardamos, em relação a esse ou aquele parente mais próximo, algumas manifestações de ódio, de ciúme, de inveja, e nos deparamos, com frequência, revidando com violência, com impaciência, nas menores discussões. E notamos, também, que esses impulsos são carregados de fortes emoções, que nos envenenam e nos deprimem.

As reflexões íntimas ocorrem, na sua maioria, de modo espontâneo, logo após a manifestação dos nossos impulsos emocionais mais violentos. De imediato, caímos em nós, e um turbilhão de pensamentos fervilham na nossa mente: uns. justificando e dando razões a nossa atitude inferior; outros, menos intensos, nos levam a ponderar a nossa irrefletida reação. E, quando já sensíveis, percebemos que magoamos a alguém, começamos a sentir a dor do arrependimento e aí buscamos o porquê da nossa atitude, os motivos que nos levaram a tal reação. Realizamos, assim, uma auto-análise espontânea, provocada pela nossa manifestação emocional do momento.

Nessas ocasiões, alcançamos as razões que nos levaram àquela atitude, até um certo nível do nosso inconsciente e, muitas vezes, não conseguimos entender claramente os motivos daqueles nossos sentimentos grosseiros. Ficamos perdidos e desgovernados.

Para os servidores que já foram levados ao conhecimento e a disciplina desses sentimentos de agressão, a busca progressiva dos motivos dessas ocorrências vão lentamente aclarandolhes o entendimento, e os "porquês" dessas manifestações.

Outras vezes, em ocasiões diversas: ora quando escutamos o desabafo de um amigo atormentado, ou os comentários de um programa ocorrido com um terceiro, ou ainda ao ouvirmos uma explanação evangélica, e, também, durante as leituras edificantes das revelações espirituais, somos conduzidos, nestes momentos, às considerações sobre nós mesmos, sobre o nosso próprio comportamento. Aí, igualmente, realizamos a auto-análise espontânea.

O processo de auto-análise pode e deve ser utilizado mais intensamente, não apenas de modo voluntário, naquelas ocasiões repentinas ou, quando muito, nos momentos em que, através dos livros, ou das dissertações evangélicas nos meios espíritas, as buscamos para o nosso aprendizado.

A auto-análise pode-se conseguir realizar de modo ordenado, como parte de um processo de auto-educação.

Como, então, podemos estabelecer sistematicamente a prática individual da auto-análise?

3. A PRÁTICA DA AUTO-ANÁLISE

O processo que aqui sugerimos é individual; no entanto, admitimos que, inicialmente, muitas criaturas venham a sentir dificuldades e que possam recorrer aos instrutores ou dirigentes, na própria Escola de Aprendizes do Evangelho, para ajudá-las neste trabalho, principalmente no dia-gnóstico das suas reações impulsivas mais recônditas. É, em parte, o trabalho que caberia a um psicólogo ou a um psicanalista, porém um sentido de orientação evangélica, o que difere das escolas materialistas dominantes na psicologia e na psicoterapia.

Há, também, trabalhos desta espécie, realizados em grupos, onde os problemas individuais que afligem aquelas criaturas são abertamente transmitidas aos seus participantes, que os discutem e analisam para o aproveitamento de todos. Nestes casos, há sempre um coordenador que orienta este trabalho, denominado análise em grupo.

A prática da auto-análise requer um local na própria residência, ou fora, para permanecer por alguns mo-mentos sozinhos e isolados da movimentação externa. Um quarto, uma sala, um terraço, um recanto no jardim. Ali, sentados confortavelmente, despreocupados de tudo, vamos começar a conduzir o nosso pensamento numa certa direção, na qual buscaremos a exploração do nosso terreno mental e emocional. Pela falta de treinamento, e até mesmo de disciplina nesse tipo de experiência íntima, no início, naturalmente sentimos dificuldades, pois vivemos muito dispersivos nas nossas atividades diárias e não estamos acostumados a conduzir a ocupação da nossa mente numa meta desejada. Na diversidade de assuntos e na continua movimentação das paisagens que a nossa vista acompanha, a mente está quase sempre ocupada e presa por fatores externos a nós mesmos.

Quando, então, nesse local escolhido, nos isolamos do que se passa externamente, e comodamente sentados, em silêncio, fechamos os olhos, vamos conviver com o que se passa na nossa mente. O que observamos?

De início, percebemos a inquietação e a dispersão tão comuns a todos e, a partir daí, começamos nós a conduzir a nossa mente, em lugar de sermos por ela conduzidos, como acontece comumente. Para facilitar, dividamos esta prática em fases. Teremos, então:

1ª Fase: Preparação

Comecemos por agir no sentido de relaxar a mente, descontrair os músculos do corpo e, principalmente, da cabeça, dos olhos, da boca, libertando as tensões musculares e emocionais.

Vamos assim, prosseguindo no desejo de agora serenar a nossa mente, buscando sentir no coração uma calma profunda e imaginemos que um halo de luz suave, azul claro, vai impregnando e envolvendo todo o nosso eu.

Nesses primeiros treinamentos conseguiremos aquietar apenas o nosso interior (mental e emocional) obtendo-se tranquilidade e bem estar. Um fundo musical baixo e suave ajuda substancialmente chegarmos a esse estado d'alma.

Nesses momentos, assim impregnados numa atmosfera suave, respiremos profundamente, algumas vezes. Com o decorrer das experiências, vamos começando a sentir uma impressão de deslocamento, e até mesmo de distanciamento do ambiente sem, no entanto, perder a consciência.

2ª Fase: Sintonia Espiritual

A nossa sintonia com o amigo espiritual, o companheiro que mais proximamente orienta os passos na nossa existência. Recorramos a ele, indo ao seu encontro, neste trabalho que desejamos fazer com a sua ajuda. Estabelecemos um diálogo mental com o nosso companheiro espiritual, manifestando esse desejo de "conhecer-se" e libertar-se de nossas imperfeições, capacitando-se na melhoria interior, para melhor servir ao Mestre Amado.

Possivelmente levaremos alguns dias até conseguirmos essa vivência espiritual, no entanto, nunca desanimemos e continuemos persistentes até chegarmos nesse ponto. Depois de atingir esse estágio de relativo equilíbrio íntimo, cujo tempo de duração varia de pessoa a pessoa, passaremos ao trabalho de exploração mental e emocional.

3ª Fase: Reflexão

Dentro daquela atmosfera já atingida, vamos então, nas ex-periências seguintes, ativar a mente, trazendo a tona da nossa memória os acontecimentos diários, próximos ou remotos, que nos fizeram viver as emoções fortes, as explosões de sentimentos, as manifestações de violência, as agressões, os impulsos que vêm do nosso inconsciente, e que ficaram gravados na nossa aura, nos transmitindo as suas impressões de forma sutil, embora de maneira inconsciente, na maioria das vezes.

Naturalmente, devemos focalizar um quadro ou uma impressão emocional de cada vez e concentrarmo-nos naquele escolhido para análise que estamos realizando no momento, sem deixar que os outros quadros ou impressões de acontecimentos se misturem. Lembremos que temos em nós uma tendência natural de soterrar aqueles acontecimentos e lembranças que nos são desagradáveis, que nos aborrecem, mas que permanecem represados,



exercendo sua influência constante no nosso comportamento. Precisamos ter a disposição de desenterrá-los e trazê-los à consciência, para sublimá-los, nos libertando das suas influências sutis. Vamos remontar os acontecimentos sem nos deixar envolver pelos mesmos impulsos que, naqueles momentos, nos dominaram. Esforcemo-nos por ser, dentro do possível, um mero espectador em lugar de personagem que nele viveu.

4ª Fase: Detalhamento

Enfoquemos inicialmente aqueles acontecimentos que mais vivos se acham na nossa impressão e vamos então registrando por escrito, na ordem em que cada um deles ocorreu, desde o seu início: Primeiro, o que deu origem ao acontecimento; depois o que desencadeou a nossa reação impulsiva e, por último as consequências posteriores do nosso desequilíbrio. Dentro dessa ordem natural, anotemos num caderno, de um lado, os nossos

impulsos grosseiros, depois os motivos que provocaram os mesmos, e do lado desses, as prováveis raízes dos mesmos.

Para ilustrar o método acima, tomemos o seguinte exemplo: trabalhando há anos numa mesma empresa, dois amigos que se confiavam, vêem, de repente, surgir a oportunidade de igualmente ambos atingirem um cargo mais elevado. Apenas um deles é escolhido e o outro, naturalmente, foi preterido. Aquele, pela promoção galgada, passa a hostilizar os seus subalternos com excesso de autoridade. O amigo anterior, em ocasião oportuna, à sós, fala-lhe das injustiças cometidas e uma violenta discussão desencadeia-se, chegando a ofenderem-se mutuamente, em termos agressivos. São, assim, rompidos os laços daquela amizade profunda. O amigo promovido na empresa, passa a sofrer um misto de prepotência e angústia no seu interior, até que, tocado pela inspiração de mais alto, certa noite, em sua residência, senta-se abatido, e resolve fazer uma prospecção interior, realizando assim uma auto-análise.

Procurou ele verificar, obedecendo a ordem acima seguida:

- 1. O que deu origem ao acontecimento;
- 2. O que desencadeou as suas reações impulsivas;
- As consequências dos seus atos.
 Feita a auto-análise, anotou ele o que abaixo é descrito:
- A discussão foi originada pela não aceitação das ponderações do amigo ao seu comportamento hostil no trabalho:
- As suas reações agressivas foram fruto do orgulho ferido, da sua prepotência, do seu personalismo;
- 3. Em consequência, sofria as depressões do seu desequilíbrio, principalmente por ter perdido a amizade do estimado colega.

Relacionou então, num papel, o que segue:

Impulsos Grosseiros

Violência Agressividade Rancor

Motivos

Orgulho Presunção Prepotência

Raízes Prováveis

Ambição profissional Egoísmo incontrolado Desequilíbrio na autoridade

5ª Fase: Renovação

Dispondo-nos ao melhoramento de nós mesmos, com espírito de combate, já despertados espiritualmente para os testemunhos cristãos, tocados pelo nosso protetor espiritual, nessas ocasiões manifestam-se no nosso Espírito os arrependimentos pelas reações violentas ou pelos deslizes cometidos. Esses são os primeiros lampejos de renovação, denotando as transformações que iniciam em nós. Os arrependimentos, em geral, nos entristecem porque nos fazem ver, conscientemente, o que ainda somos, e a que distância nos encontramos daquela meta que imaginamos e desejamos atingir.

Na nossa auto-análise, vigiemos para não nos deixarmos envolver por esses sentimentos depressivos.

Consideremos que eles são indicativos do desabrochar da nossa sensibilidade para uma nova fase de evolução e, com paciência e vigor, conduzamos as nossas energias no fortalecimento dos propósitos de não deixarmo-nos envolver, em outras oportunidades semelhantes, pelos mesmos sentimentos desavisados.

Do arrependimento que possa surgir dessa reflexão dos acontecimentos vividos, partimos para a renovação que, conscientemente, começamos realizar, movimentando, nas práticas da auto-análise, os nossos próprios recursos dinâmicos de transformação e, sempre auxiliados espiritualmente, passamos às vivências íntimas dos sentimentos mais nobres, que são em nós despertados. Essas experiências vividas interiormente vão alicercando a nossa reforma íntima. Começamos, então, conscientemente, com o decorrer dessas experiências, a viver emocionalmente os sentimentos opostos àqueles de orgulho, vaidade, inveja, egoísmo, avareza, personalismo, ódio, rancor, vingança, agressividade, maledicência, intolerância, impaciência, negligência e vamos dosando-os, num diálogo direto com cada um desses impulsos, deixando que fale mais o coração, os sentimentos edificantes que àqueles se opõem, como sejam, na mesma ordem: humildade, simplicidade, conformação, altruísmo, desprendimento, companheirismo, amor, compreensão, perdão, brandura, moderação no falar, tolerância, paciência e vigilância.

Uma disposição importante e necessária, é a de rever, desde a nossa infância, até a época presente, todos os acontecimentos que nos influenciaram o comportamento. E, nessa revisão, trabalhamos na sublimação consciente de tudo o que vive no nosso íntimo, sob forma de impulsos inconscientes.

Através desse permanente trabalho de auto-análise, auto-educando-nos, vamos adquirindo o conhecimento progressivo de nós mesmos, e transformando-nos interiormente, mudando naturalmente a nossa conduta exterior. Sentiremos como que abrir-se o nosso coração, numa expansão de sentimentos profundos de amor, sob a forma de: compreensão, tolerância, perdão, dedicação e caridade. Caminharemos, assim, de forma segura e objetiva na escalada evolutiva que milenarmente iniciamos.